

Os plátanos também se abatem

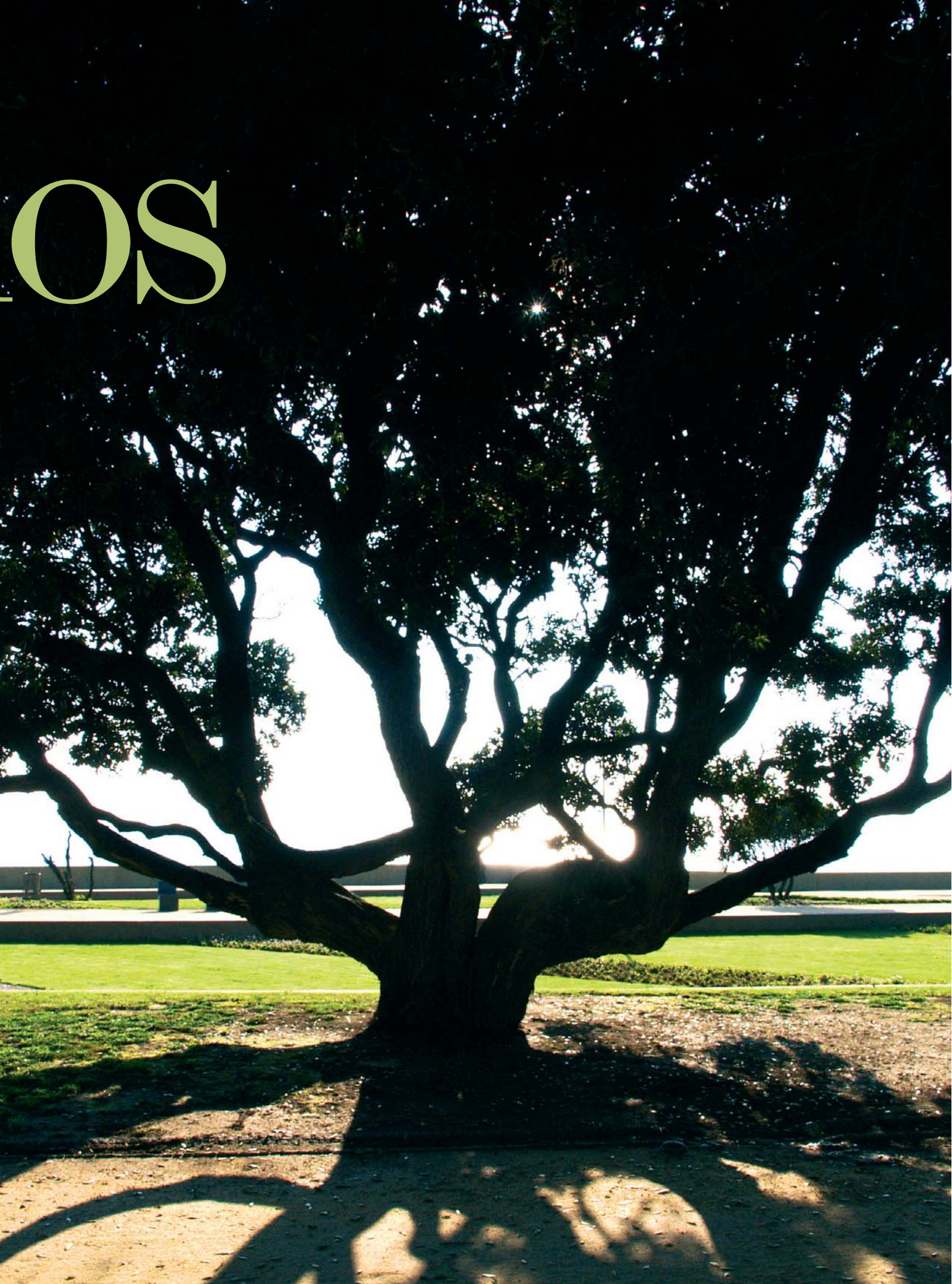
REPORTAGEM |

Vivemos num país que não gosta de árvores? Enquanto os incêndios florestais são quase uma instituição nacional, nas cidades, outras ameaças cercam o património arbóreo. — Colaborar com uma associação ambientalista ou escrever num *blog* são duas maneiras possíveis de defender as nossas árvores. — Para começar, podemos tratá-las pelo nome próprio.

TEXTO **Carla Maia de Almeida** — FOTOGRAFIA **Luciana Cristovam** (Lisboa) **Cláudio Capone** (Porto)



LOS





À esquerda, salgueiro-chorão no Campo de Santana.



À direita, em cima: cipreste centenário no Jardim do Príncipe Real. Em baixo: plátano com trinta metros de altura no Hospital Pulido Valente, ao Lumiar. Na página seguinte, em grande plano, cedro-do-himalaia no Campo de Santana (Lisboa).



E

ste Verão vão faltar sombras no jardim central de Pinhal Novo. Uma fúria serradora abateu-se sobre os plátanos, deixando-os irreconhecíveis, uns troncos com meia dúzia de ramos em forma de garra, ou menos do que isso. Talvez ficassem bem nos cenários assombrados de Tim Burton, mas a vida é outra coisa, quem sabe. As poucas pessoas que, num domingo à tarde, gozam o sol ainda cerimonioso da Primavera, procuram os cantos mais abrigados por arbustos, alentando conversas espaçadas, enquanto os bancos de pedra permanecem vazios, inóspitos, como tudo o resto.

O pinheiro manso, símbolo da vila, é agora a árvore que governa o recinto, onde cabem também a igreja, o coreto, o parque infantil e, cruzada a rua, a estação de caminho-de-ferro. É uma das saídas possíveis. Este Verão, quando o jardim se transformar numa eira de calor, vão ser muitos os desertores do Pinhal Novo, sôfregos por um vento de praia ou pelo fresco artificial dos centros comerciais, agora pomposamente chamados de fóruns. Visto da estrada, o anúncio, quase comovedor, diz que é no Fórum Montijo que «o avô Júlio vai passar as tardes de domingo com a neta». Os jardins estão fora de moda, não há dúvida. A avaliar pelo estacionamento

to ao ar livre, gigantesco, a abarrotar de automóveis, é nestes parques de cimento que a maioria dos «avôs Júlios» e família prefere passar uma tarde soalheira de Primavera.

Porque, bem vistas as coisas, para que serve uma árvore? Para ocupar lugares de estacionamento, para perder ramos que danificam os carros, para levantar passeios com as raízes, para produzir folhas que entopem as caleiras das casas, para criar hostilidades entre vizinhos, para tirar a vista para a rua, para provocar alergias várias, para abrigar pássaros que largam dejectos incómodos na cabeça dos desprevenidos... e ficamos por aqui. No que respeita às árvores, é grande o rol das contrariedades apontadas pelo honesto cidadão, quantas vezes eleito em democracia. Como diria Ana Júlia Francisco, parece que «as árvores só são boas quando não estão à nossa porta».

Presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Arboricultura (SPA), associação fundada no Porto e vocacionada para a protecção do património arbóreo das zonas urbanas, Ana Júlia Francisco acha que, em Portugal, «há aqueles que querem muito as árvores e aqueles que não as querem de todo». Os segundos são, em regra, responsáveis pelas chamadas «pressões de particulares», esse saco azul de reclamações onde cabe quase tudo. Muitas vezes, estão na

origem do abate de árvores no espaço público. Se não o abate, outras medidas drásticas, como sucedeu no Pinhal Novo [ver caixa na página 57].

Para a dirigente da SPA, a ideia não é criar aqui uma outra espécie de *vaca sagrada*: «Se uma árvore incomoda, é preciso ver se o problema é real ou se não são as tais “pressões de particulares”. Se é real, então é melhor perceber o que se passa e fazer qualquer coisa; por exemplo, substituí-la por outra. A verdade é que se planta muito mal, por norma. Plantam-se árvores desadequadas ao lugar que vão ocupar, ou mal formadas desde o início, ou usando técnicas erradas.»

Essas malditas rolagens

O cargo de técnica da Divisão de Jardins da Câmara Municipal de Lisboa permite a Ana Júlia Francisco lidar de perto com a realidade, mas, porque o emprego é absorvente, o tempo que sobra para as iniciativas da SPA é pouco. O caso das rolagens no jardim do Pinhal Novo foi apenas um dos que lhe escaparam das mãos, até porque, «quando soube, já era um facto consumado». As rolagens, essas podas radicais que deixam as árvores enfraquecidas e completamente descaracterizadas, não são um problema de agora. «Vem da tradição de podar as árvores de fruto, uma prática co-



mum. Mas parece-me que nestes últimos anos as situações são cada vez mais graves, mesmo chocantes», acusa.

Um livro que permanece como referência na questão de pensar a função da árvore, também na sua relação com aspectos culturais, ecológicos e paisagísticos, é *A Árvore em Portugal*, de Gonçalo Ribeiro Telles e Francisco Caldeira Cabral. Reeditado pela Assírio & Alvim em 1993, foi publicado pela primeira vez em 1960, e já então contestava a prática das rolagens. Leia-se, na página 163: «O maior elogio que se pode fazer a um podador de árvores ornamentais é que não se perceba que a árvore foi podada. A forma natural da árvore é perfeita e portanto não é necessário corrigi-la no sentido estético nem fisiológico.»

A noção de que uma árvore possa ser uma entidade viva e perfeita é algo difícil de entender, quando na balança pesam argumentos medidos noutra escala de valores. É verdade que árvores e jardins ajudam a vender apartamentos, mesmo se os prometidos «espaços verdes» acabam por ficar só pelo cartaz publicitário... Mas, paradoxalmente, e a avaliar pelo cinzentismo crescente dos nossos aglomerados urbanos (o que não é o mesmo que dizer «cidades» e «vilas»), plantar árvores e cuidar bem delas não compensa o investimento. É mais fácil cortar a direito.

Cortar árvores melhora o ambiente?

A princípio, alguém sugeriu que tinha sido por causa da gripe das aves (sem ramos, não há ninhos...). Mas não. A vereação do Ambiente e Infra-Estruturas da Câmara de Palmela fez saber à **nm**, através dos seus serviços de comunicação, que as rolagens no Jardim de Pinhal Novo foram uma resposta às reclamações da população, desagradada com «problemas de alergias» alegadamente provocados pelos plátanos. Acreditam que estas não reaparecerão nos próximos dois anos, «dado que se controlou a causa». Manifestando «plena consciência e conhecimento técnico sobre a agressividade das rolagens», consideram que os plátanos não ficam por isso ameaçados, «dada a sua dimensão e conhecida

resistência», acrescentando que uma intervenção idêntica tinha sido feita há três anos. Opinião diferente tem Ana Júlia Francisco, presidente da direcção da Sociedade Portuguesa de Arboricultura, para quem as rolagens «são uma espécie de morte lenta». Explica: «Inicialmente, a árvore vai ter um grande

desenvolvimento, emitindo muitos ramos, o que é feito à custa da perda das suas reservas. Mas já está completamente descaracterizada. Ainda por cima, são ramos perigosos, porque são desestruturados e partem-se facilmente. Não é verdade que rolar as árvores as torna mais fortes, pelo contrário.»

AUGUSTO FERREIRA



Política e palpites

Ana Júlia Francisco diz que «um dos problemas dos municípios mais pequenos é não terem pessoal com conhecimentos técnicos adequados para tratar do arvoredo». Outras vezes, são os «interesses políticos maiores» que se sobrepõem. A afirmação é secundada por Maria Domingas Araújo, engenheira agrónoma e vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Arboricultura [NR: cessou o mandato recentemente, sendo substituída por Isabel Lufinha e Rui Afonso]: «Neste momento já há muitos técnicos que têm esses conhecimentos, mas as suas opiniões não são tidas como importantes. E as decisões sobre as árvores são políticas, quando não deviam ser.»

A meio do percurso pedestre pelo Parque Biológico de Gaia, onde a SPA tem a sua sede e apoio logístico, Maria Domingas lamenta que, em relação às árvores, desde o jardineiro ao vereador, «toda a gente dê palpites, o que é péssimo». Admitindo que há «uma perseguição ao elemento árvore», contesta o conceito prevaemente herdado da agricultura: «Uma árvore de fruto dura pouco tempo e nesse tempo quer-se que ela produza muito. Ora, na cidade, a árvore tem um papel completamente diferente! Queremos é que ela dure muitos anos e com muita qualidade, e para isso temos de lhe dar condições.» Por exemplo, «não pondo plátanos em passeios de dois metros», condenando-os a um encarceramento inglório; ou acabando de vez com a prática desnecessária das podas, radicais ou não. «As árvo-

Árvores ao abrigo da lei

O que são árvores de interesse público?

São árvores classificadas que se distinguem pelo porte, estrutura, idade ou raridade, bem como pela relevância histórica e/ou cultural. Podem ser árvores isoladas, maciços, bosques ou alamedas.

Como estão protegidas?

Pelo Decreto-Lei n.º 28468, de 15 de Fevereiro de 1938, que condiciona qualquer intervenção (incluindo corte ou poda) num raio de

cinquenta metros, sob pena de multa. Têm um estatuto de protecção idêntico ao do património construído.

Quem pode propor a classificação?

Qualquer cidadão ou entidade pode apresentar uma proposta fundamentada à Direcção-Geral dos Recursos Florestais (DGRF) ou à respectiva delegação regional, sem custos associados.

Como decorre o processo?

Após a recepção do pedido, a DGRF tem trinta dias para

responder. É feita uma avaliação e, se os critérios forem preenchidos, a(s) árvore(s) passa(m) a integrar a classificação de interesse público. A decisão é publicada no *Diário da República*.

Quantas árvores classificadas há em Portugal?

Cerca de 360. Entre estas, a árvore mais alta da Europa, um eucalipto centenário que atinge 75 metros de altura. Encontra-se na Mata de Vale de Canas, freguesia de Torres do Mondego, Coimbra.

res na cidade não precisam de ser podadas. Precisam, às vezes, de ser conduzidas. Nós também não andamos sempre a cortar o cabelo...» Definitivamente, acha que «a falta de conhecimento» é o maior problema do nosso património arbóreo. «É importante as pessoas perceberem o que se passa à volta delas para respeitarem o que têm», conclui.

Árvores na blogosfera

«Há, decerto, pessoas felizes que sabem o nome das árvores», diz um verso de Cecília Meireles. Desatentos, apressados, ocupados, referimo-nos às árvores como «árvores», da mesma forma que dizemos «estrelas» por-

que não sabemos os nomes das constelações. Nas cidades, a vida corre demasiado rápida para que cultivemos o luxo de distinguir um plátano de uma tília, ou um cedro de um pinheiro – e, de resto, as constelações já quase não se percebem, num céu baço de tanta luz artificial. Haverá sempre quem diga isto e haverá sempre quem faça o contrário disto, talvez por acreditar que «as coisas, quando não são anónimas, suscitam outro interesse e, sobretudo, outro carinho».

Maria Carvalho, professora de Matemática na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, é uma das dinamizadoras do Dias com Árvores (<http://dias-com-arvo->



À esquerda, tulipeiro na Praça Pedro Nunes. À direita, Jardim do Passeio Alegre: araucária e alinhamento de plátanos no Jardim da Cordoaria (Porto).



res.blogspot.com), um *blog* para quem se interessa afectivamente por árvores, flores, jardins e essas coisas que o «avô Júlio» se tem esquecido de mostrar à neta. Os outros dois elementos são Paulo Araújo, também matemático, e Manuela Ramos, professora de Português do ensino básico, que teve a ideia de criar o *blog*, em Julho de 2004. Uniu-os a autoria do livro *À Sombra de Árvores com História* (edição da associação ambientalista Campo Aberto) e, é claro, as *afinidades electivas* próprias de uma amizade. Não por acaso, começaram o *blog* com os metrosíderos da foz do Douro, árvores da Nova Zelândia que, por cá, escolhem essa altura do ano para revelar-se as esplêndidas flores vermelhas.

Desde então, o *blog* tem sido uma espécie de noticiário para os amantes das árvores. Porque não há só esses «seres bizarros de apartamentos» de que fala Maria Carvalho, vivendo «entre a casa, a garagem e o trabalho», desconfiados do que se passa lá fora. Comentários, fotografias, conselhos de jardinagem, excertos de textos, citações e versos como os de Cecília Meireles aparecem no *blog* a um ritmo diário, sem falta de assunto, movidos pelo suceder das estações. O Inverno lembra que o Porto é a cidade das camélias, o Verão regressa com os jacarandás em flor. Os *posts* têm títulos como «Gota de chuva em ramo de lódão», «A magnólia do dia», «Impressões de um passeio», «A palmeira que canta» ou «As mirtáceas acordaram». A provar-se a possibilidade de um telejornal feliz, talvez as notícias começassem assim.

Muito mais do que o oxigénio

«Na cidade, a árvore comporta-se de maneira diferente do que na floresta.»

ANA JÚLIA FRANCISCO
(SOCIEDADE
PORTUGUESA DE
ARBORICULTURA)

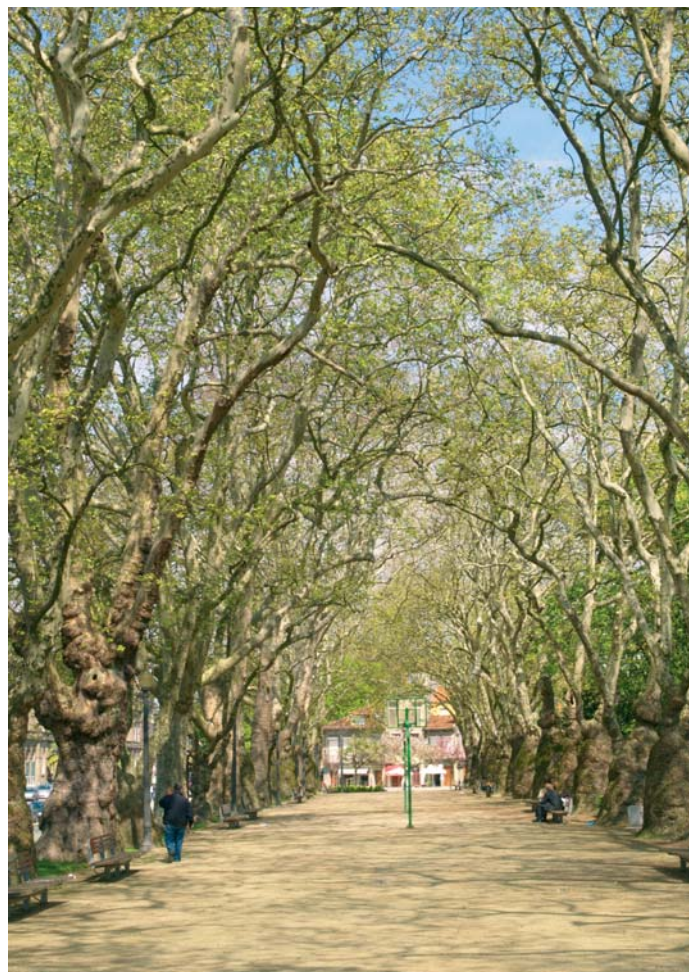


«As árvores são boas porque nos dão oxigénio», aprende-se cedo na escola. Mas a função de uma árvore na cidade ultrapassa essa verdade óbvia. Além da redução da poluição atmosférica, as árvores influenciam a qualidade da água e do solo: por exemplo, interceptando a precipitação e regulando o seu escoamento. Além disso, diminuem os níveis de ruído, reduzem a velocidade do vento e suavizam as temperaturas – que nas cidades tendem a ser mais elevadas –, filtrando a radiação solar e diminuindo os reflexos à superfície. Quase instintivamente, tendemos a procurar jardins e ruas com árvores, talvez porque, além do valor estético, é em lugares arborizados que percebemos o que significa isso da «qualidade de vida».

A bela e o monstro

A realidade nem sempre é a cores e, ao fim de algum tempo, sentiram a necessidade de pôr em *link* um irmão gémeo do *blog*, tão desconsoado como o nome que lhe deram: Dias sem Árvores. «É um arquivo de coisas tristes», explica Paulo Araújo, o mais cáustico dos três: «Para que o álbum de horrores não contaminasse o nosso *blog*, separámo-lo e pusemo-lo num compartimento à parte. Há limites para a campanha cívica. A partir de um certo ponto, quando se constata que a influência dos *blogs* e até de livros de pessoas autorizadas é praticamente nula, é melhor largar o tema ou então arrumá-lo num canto.» Sentada do lado da janela, Manuela Ramos desvia o olhar das árvores de Serralves, onde a conversa decorre, e lembra o caso recente da Avenida da Boavista, onde as tílias foram sacrificadas para que o Desfile de Carros Antigos, promovido pela Câmara Municipal do Porto, possa decorrer em todo o seu esplendor, uma vez por ano. Apenas um exemplo entre muitos.

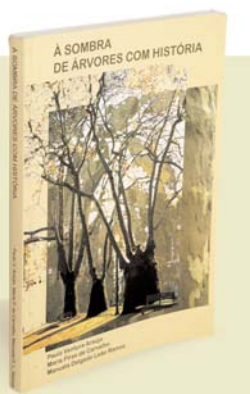
Os leitores indignam-se e contribuem para alimentar o monstro. Chegam ao *blog* situações mais distantes, como a dos majestosos plátanos de São Martinho do Porto, concelho de Alcobça, abatidos para dar lugar a um jardim (por enquanto em obras...); ou dos carvalhos centenários sumariamente podados em Beijós, distrito de Viseu. E fala-se também das «requalificações» que não têm poupado partes emblemáticas da cidade. Depois do Jardim da Cordoaria, Leões e Parada Leitão, endurecidos por febre granítica des-





As árvores do Porto

A primeira edição, de 2004, esgotou em pouco tempo, mas uma segunda versão, revista e acrescentada, está a aguardar impressão. Autores: Paulo V. Araújo, Maria P. de Carvalho e Manuela D. L. Ramos, a equipa do *blog* Dias Com Árvores. Muitas fotografias, textos bem fundamentados e fichas de apresentação: as mesmas que estiveram na origem da proposta de classificação de «árvores de interesse público». Lá estão as magnólias do Jardim de São Lázaro, as araucárias do Palácio de Cristal, os plátanos da Cordoaria, o tulpeiro da Casa Tait e muitas outras que fazem os dias dos portuenses e não só.



de as obras do Porto 2001, é o Jardim do Marquês que desaparece sob os avanços do metro. Quais serão os próximos? Arca d'Água? São Lázaro? A aterosclerose da pedra polida progrediu para o coração da cidade, com a Avenida dos Aliados/Praça da Liberdade irreversivelmente modificadas, apesar de contestação pública, e o caso merece um *link* à parte no *blog*.

Presentes envenenados

Lembrando que a escola dos jardins românticos do Porto vem do século XIX, Paulo Araújo lamenta que haja «uma gestão precipitada e uma ênfase na cosmética urbana, em lugar da valorização dos espaços e da manutenção daquilo que já existe.» Opinião semelhante ser-nos-ia dada pela presidente da SPA, Ana Júlia Francisco: «A moda destes últimos anos tem sido as requalificações, o que muitas vezes significa alterar completamente um jardim, a sua história e o seu passado, causando danos no arvoredo existente ou mesmo eliminando-o. E para quê? Às vezes, para se fazer outro jardim!»

Maria Domingas não é contra as requalificações nem contra o essencial do famoso POLIS (Programa de Requalificação Urbana e Valorização Ambiental das Cidades). Mas afirma que este é «um presente envenenado», por causa das intervenções à volta das árvores: «Uma árvore que esteve trinta anos sem ser regada e depois passa a sê-lo, porque

agora se semeou ali um relvado muito bonito, vai cair, mais tarde ou mais cedo.» Em vez da obsessão com os relvados, «que requerem muita mão-de-obra, muita água e muitos tratamentos», defende o conceito de «jardins sustentáveis», a começar «pela escolha de espécies adequadas, geograficamente e em termos de localização urbana». Maus exemplos não lhe faltam, desde os novos plátanos da Avenida da Boavista até às malogradas oliveiras que há algum tempo vegetaram na rotunda do Castelo do Queijo, até sucumbirem aos rigores do clima atlântico.

O mal está generalizado: muita urbanização, poucas árvores. Não só na Grande Lisboa e no Grande Porto, onde as áreas suburbanas parecem concorrer com a aridez da Lua... Cidades de dimensão média, como Braga, Portalegre ou Caldas da Rainha, vêem o seu espaço de construção aumentar sem que um número proporcional de árvores sejam plantadas e mais parques ou jardins sejam criados. Não há «municípios verdes»; e os poucos em que o património arbóreo tem sido cuidado (seriam citados por várias vezes os casos de Guimarães e Ponte de Lima) não são suficientes para fazer esquecer a cinzenta maioria.

Um estado interessante

Longe dos incêndios que têm devastado vastas zonas florestais, mas demasiado expostas à negligência humana, as árvores urbanas en-

frentam outro tipo de agressões e têm poucos direitos. Além da classificação de interesse público [ver caixa na página 58], a legislação actual protege apenas algumas espécies, como o sobreiro, a azinheira e o azevinho. «Era preciso uma regulamentação a nível nacional, que definisse regras básicas em termos de protecção e plantação das árvores», advoga a presidente da SPA: «Depois, seria ajustada a nível local, já que cada município tem as suas características – geográficas, climáticas, culturais, etc.» E conclui: «Faria sentido que a Direcção-Geral dos Recursos Florestais tivesse uma área dedicada à arboricultura urbana.»

Mas não tem. Ainda. Por enquanto, a maior salvaguarda das árvores é a lei que as classifica como sendo de interesse público, apesar de datada de 1938. António Campos Andrada, responsável pela Divisão de Protecção e Conservação Florestal da DGRF, reconhece que a lei é «omissa e confusa», adiantando à *nm* que se está a trabalhar no sentido de «criar legislação mais completa», em conjunto com diversas associações ambientalistas. E será para quando? «Ainda não sabemos.»

Entretanto, as árvores hão-de manter o seu estado *interessante*, e certas ruas e certos lugares hão-de surgir, como sempre, inconfundíveis. O jacarandá do Largo do Viriato, no Porto, que faz parar o trânsito quando se veste de lilás. O velho cipreste do Jardim do Príncipe Real, em Lisboa, com mais de vinte metros de diâmetro de copa. A oliveira de São Tiago, no concelho de Tavira, nascida antes de Cristo. A alameda de plátanos de Ponte de Lima, a melhor sombra junto ao rio. O cedro colossal do Hotel Grão Vasco, em Viseu... Árvores com história, à espera de quem se interesse por saber.

«As árvores do Porto precisam que as pessoas mudem de perspectiva», diz Maria Carvalho. «E de Portugal!», acrescenta Manuela Ramos: «É preciso que as pessoas apreciem o que têm, para que se torne inevitável fazer mais parques e jardins.» Para já, vão continuar a fazer crescer o Dias com Árvores, não com espírito de Cruzadas, mas, simplesmente, com espírito e curiosidade. «Não sabemos assim tanto de árvores, mas vamos aprendendo. Só nos faz bem estudarmos as coisas», dizem. O investimento é pessoal e afectivo, não estão preocupados em aumentar as audiências; e talvez por isso não quiseram ser fotografados para esta reportagem.

Desde há cerca de um ano, os metrosídeos do Passeio Alegre e da Avenida Montevideu, com que inauguraram o *blog*, ganharam o estatuto de interesse público. A proposta foi deles. Uma das muitas que levaram à Direcção-Geral dos Recursos Florestais. No Porto, durante décadas, contaram-se pelos dedos de uma mão as árvores classificadas. Em 2005, passaram de quatro para 242. Sim, leu bem: de quatro para 242. Mérito de três *bloggers* que preferem dar todo o protagonismo às árvores. «